



ARTIGOS



O Futebol Depende de Vocês

Um Estudo Sobre a Escolinha de Futebol Feminino do GAMI de Natal-Rio Grande do Norte

José Adailton Sousa dos SANTOS, *Faculdade Ibiapaba*

Lore FORTES, *Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

Resumo: O presente texto tem como objetivo analisar o futebol feminino na cidade de Natal-RN, a partir do Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes-GAMI, enquanto atividade esportiva e socializadora entre mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais na periferia da Redinha. Assim, por meio da etnografia, buscou identificar as formas de socialização desenvolvidas por elas, bem como destacar o futebol enquanto um esporte e ação política que produz diferenças e desigualdades de gênero, e, ao mesmo tempo reflete as práticas de agenciamento de mulheres para a produção de uma liberdade. Dentro do Gami, a atividade esportiva também é uma ação política de engajamento e transformação, de modo que tem contribuído na construção do empoderamento de mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais racializadas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Lésbicas. Futebol. Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes.



Introdução

A trajetória das mulheres na inserção do esporte pode ser compreendida a partir das dimensões do gênero e da sexualidade. Logo, por muito tempo, as mulheres estiveram fora do esporte por conta dos valores comumente associados à feminilidade. Assim, no imaginário social, existe uma ideia de que se as mulheres desempenham atividades físicas, logo vão perder sua feminilidade (PISANI, 2018). Se as mulheres desafiam romper com esse enquadramento social ou acabam por quebrar essas normalidades ocupando um espaço, ou mesmo se inserindo nos esportes que culturalmente são direcionados aos homens, logo irão sofrer preconceito. Isto posto, o futebol culturalmente está atrelado ao desempenho de atividade física que exige virilidade e competitividade. Assim como Pisani (2014) menciona, o futebol perpassa como um ideal de identidade masculina. Na dimensão do preconceito, mulheres que ousam praticar o futebol são indentificadas como masculinizadas. O enquadramento social das mulheres na categoria masculinizadas é uma representação da quebra na ordem compulsória sexo-gênero (BUTLER, 2017). Neste sentido, mulheres lésbicas, mulheres trans e mulheres heterossexuais, pelas vias da performance, do desejo, da identidade de gênero e sexualidade quebram as normas desses valores. Ademais, é na transgressão dos valores sociais que elas têm conquistado um espaço profissional no esporte.

Destaca-se que a inserção das mulheres no esporte se dá pelo rompimento histórico das noções pré-estabelecidas que definem os espaços dos homens e o espaço das mulheres, da mesma forma que se percebe o futebol com o espaço que permeia também as desigualdades de gênero, principalmente no Brasil, o país do futebol. Morel e Salles (2006) e Pisani (2014) destacam que no Brasil ocorreu uma série de impedimentos que contribuíram na lenta inserção das mulheres no futebol, a saber: a visão da feminilidade como frágil; o preconceito com as praticantes; a falta de estudo sobre o condicionamento físico das mulheres no esporte; leis de interdições e a lesbofobia, o que abriu interrogações mentirosas acerca de seu corpo em termos biológicos, além do sexismo dentro do esporte a constante desigualdade entre o gênero, condicionada



sempre na comparação entre o homem e a mulher em relação ao rendimento esportivo, medida geralmente injusta.

Todavia, embora as mulheres estejam atualmente submetidas aos processos de exclusão e desigualdades, elas já integram um grande grupo de esportistas profissionais. Assim, de uma forma diferenciada do futebol masculino, que é preenchido majoritariamente por homens heterossexuais, o futebol feminino é preenchido pelas mulheres heterossexuais, bissexuais e lésbicas. O futebol para as mulheres, além de ser levado como profissão, isso para aquelas que conseguem alçar grandes espaços e patrocínios, se integra em uma rede de empoderamento (PISANI, 2014), ou é aquilo que Silveira (2008) já definiu enquanto uma *rede de associativismo*.

Interrogando o esporte, mais precisamente o futebol enquanto uma rede de agência (ORTNER, 2017), e dialogando com as questões acima suscitadas em pensar o esporte/o futebol enquanto um espaço de produção do gênero, da sexualidade e do empoderamento de mulheres; busca-se, neste texto, trazer uma análise etnográfica acerca do futebol enquanto prática esportiva e ação socializadora de mulheres negras populares nos bairros periféricos da cidade de Natal-RN.

Destaca-se que o estudo etnográfico aqui elencado é parte de uma pesquisa realizada durante os anos de 2017 e 2018, acerca da história do Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes - GAMI, um dos grupos que integra o movimento lésbico na cidade de Natal-RN e a Liga Brasileira de Lésbicas-LBL.

A história do GAMI e suas atividades também já foi teorizada por Moura (2008), ao analisar a organização política de lésbicas em Natal, pautando-se em um estudo sobre o GAMI e o LABRYS, ressaltando suas diferenças organizativas em relação ao modo de fazer uma política feminista e lésbica. O GAMI, e principalmente as suas frequentadoras, também já foram estudadas por Soares (2016), em sua tese acerca das metáforas de gênero e sexualidade em lésbicas negras populares no nordeste brasileiro. Ao analisar outras pesquisas, em exemplo: Selem (2007) e Silva (2016), que teorizaram sobre as organizações lésbicas no Brasil e mencionaram o GAMI, encontra-se nelas uma escrita acerca das



experiências das lutas políticas por direitos civis e sociais, conquistas de acesso aos espaços políticos e luta pela visibilidade lésbica, bissexual e de mulheres negras populares.

Embora o GAMI tenha surgido para reivindicar os direitos das mulheres lésbicas e bissexuais, atualmente a instituição também acolhe mulheres heterossexuais. Assim, a instituição atua por meio de uma política de cidadania direcionada para a igualdade de gênero, enfrentamento à lesbofobia, ao machismo, ao preconceito racial e a outras formas de discriminação.

O GAMI está situado na Redinha, bairro localizado na Zona Norte da cidade de Natal. Este mesmo bairro também foi o espaço utilizado na pesquisa, visto que é onde o grupo mais desenvolve suas atividades e onde fica a sua sede. O presente estudo foi metodologicamente realizado a partir da *etnografia*, que expõe ao pesquisador a relação de vivência entre interlocutor e campo. Neste processo metodológico é necessária uma desnaturalização e interpretação dos fatos objetivos, ações e sentimentos subjetivos.

Como destaca Peirano (2014) “não há antropologia sem pesquisa empírica” (PEIRANO, 2014, p. 380). Porém, julga-se como importante pensar que etnografar não é apenas realizar uma descrição densa (GEERTZ, 2008), mas descrever e interpretar os significados que foram construídos à luz da vivência entre pesquisador e interlocutor(a). Os dados aqui selecionados foram obtidos a partir das vivências nos treinos da escolinha de futebol do GAMI. Os treinos eram realizados às quintas-feiras, só não havia treino se tivesse formação política, feriado ou atividades para os seminários regionais. Além disso, ao lado das jogadoras, os pesquisadores percorreram os campeonatos de futebol e futsal que às vezes aconteciam em cidades próximas de Natal. Enquanto pesquisadores que sabiam quase nada sobre o futebol, eles aprenderam com as mulheres, torceram, entraram na euforia do jogo e compartilharam do sentimento de vitórias e derrotas do time. Embora no início fossem *outsiders* (ELIAS, 2000), ao final da pesquisa já existia uma certa familiaridade com o campo, ao registrar os momentos por meio das fotos do celular, ao carregar o material contendo os trajes e outros adereços



para o jogo, além de anotar as conversas entre as atletas e entrevistá-las, práticas de campo que ajudaram na construção dos resultados para este texto.

“O Futebol Feminino Depende de Vocês”¹

O futebol, assim como o carnaval brasileiro, é uma marca de identificação social do Brasil ao exterior, porém, a prática esportiva não pode ser entendida como uma identidade única que pode ser aplicada a todo coletivo, isso porque outros grupos sociais estão excluídos desse processo de identificação; há pessoas que praticam o futebol, todavia, não são reconhecidos por meio dele, ainda que a prática seja cotidiana.

O futebol no Brasil é visto sob diferentes setas. Uma é mais certa, quando aponta para adolescentes, sejam eles (ou elas) negros ou brancos, principalmente de classes menos favorecidas e médias, que veem na prática esportiva um dos meios de ascensão social. A indústria da propaganda, a mídia televisiva e o mercado do futebol investem nessa ideia a partir da construção de símbolos e ídolos que produzem uma paixão no imaginário de vários meninos adolescentes. Como destacam Ghislenia e Rosa (2008), a mídia exerce um papel na formação e construção de ídolos, símbolos e celebridades que passam a serem cobiçadas enquanto produtos de consumo em rituais comunicativos. Dessa maneira, a produção da imagem dos jogadores brasileiros Ronaldo Luiz Nazário (Ronaldo Fenômeno), Ronaldo de Assis Moreira (Ronaldinho Gaúcho) e, atualmente, Neymar Santos da Silva Júnior (Neymar), são exemplos de pessoas mais comercializadas no futebol, inclusive para adolescentes e adultos.

Por outro caminho, é possível pensar o futebol no Brasil a partir do pensamento de Souza (1996) como um fenômeno social, onde uma grande parte da população brasileira, sobretudo masculina, pratica ou assiste regularmente às partidas de futebol. Sobre o mercado esportivo, é claro para todos os brasileiros que ele envolve benefícios econômicos e

¹ Frase dita pela jogadora Marta no último jogo de despedida do Brasil na Copa do Mundo Feminina. Emocionada, Marta deu este recado às jogadoras mais novas: "O futebol feminino depende de vocês". Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/emocionada-marta-lamenta-eliminacao-e-da-recado-a-novas-jogadoras-o-futebol-feminino-depender-de-voces.ghtml>. Acesso em 10 jul. 2019.



altos ganhos somente para profissionais que estão em clubes hegemônicos, que possuem vastos patrocinadores.

Todavia, o mercado esportivo avança junto com o sistema capitalista produzindo disparidades, desigualdades e exclusão, principalmente para clubes e indivíduos que não alçam os mesmos mecanismos de competição deste campo social (BOURDIEU, 1996). É concreto que para ser hegemônico no esporte é necessário material simbólico, econômico, cultural e político, caso contrário estará excluído. Para ilustrar isso, observa-se a seta da exclusão que aponta para as mulheres no mercado do futebol: ainda que elas tenham e possuam habilidades iguais ou superiores aos homens, passam a ser invisibilizadas na mídia, no mercado, nas propagandas de times esportivos e no contexto social.

É possível assinalar que no Brasil o futebol feminino ocupa uma posição inferior ao futebol masculino, dadas as circunstâncias do capitalismo, que envolvem a consolidação de um mercado que muitas empresas julgam como não atrativo; e como fruto da cultura que ainda possui valores patriarcais, o futebol também envolve as relações de gênero que perpassam as diferenças entre homens e mulheres construídas ao longo do tempo. Ele reflete o drama da virilidade e da masculinidade, como destacou Silva (1996), e acaba por excluir as mulheres deste espaço.

A reprodução da diferenciação entre homens e mulheres no futebol é também uma demonstração de como a sociedade e os meios de produção capitalista percebem a mulher. O discurso social sobre os gêneros legitima os espaços que as mulheres devem ou não ocupar. Assim, são desclassificadas somente em função do seu gênero. O que para muitos soa como natural afirmar que “mulheres não devem jogar futebol”, “futebol é coisa de homem”, “mulheres não têm garra para jogar futebol”, afirmações que partem do senso comum, são apenas reflexos de uma sociedade patriarcal, de modo que funções e atividades agora desempenhadas por mulheres que historicamente estavam atreladas aos homens, acabam ganhando um sentido negativo.

A construção social do gênero (SCOTT, 1995) enquanto homem e mulher, os papéis e a função social, são construções desiguais. Deste



modo, a figura da mulher, por muito tempo, não esteve relacionada ao esporte, sua educação sempre esteve orientada para a condição de submissão (BELOTTI, 1987). Assim, as atividades que exigem movimentos complexos, maior abstração ou exigência de um maior esforço físico, passaram a ser direcionadas aos homens, ao mesmo tempo em que mulheres ficaram destinadas a exercer atividades que não necessitavam de grandes esforços físicos ou movimentos intensos.

Como exemplo, podemos assinalar a prática da educação física nas escolas, que por muito tempo foi direcionada somente aos homens, e quando havia a participação das meninas, elas eram orientadas a praticar exercícios que não demandassem quantidades excessivas de desempenho físico; geralmente praticavam voleibol, ginástica, ou esportes que usualmente a sociedade definia como sendo para as mulheres. Assim, a escola deixa de ser um ambiente que proporcionaria a igualdade do futebol e futsal para as mulheres. Como apontam Altmann, Reis e Helena (2013), em sua pesquisa realizada com as jogadoras de futsal de seleções nacionais de países da América do Sul:

Dentro da escola, as aulas de educação física configuram-se no principal espaço de aprendizagem e vivência do futebol, mostrando sua importância dentro desse contexto. Todavia, o principal local onde essas jogadoras de futsal iniciaram sua formação como jogadoras não foi a escola, nem as aulas de educação física, nem escolas de futebol. Elas se constituem jogadoras de futebol por meio de práticas na rua, no bairro, no quintal, na companhia de meninos, sejam eles irmãos, amigos, vizinhos ou primos. (ALTMANN; REIS; HELENA, 2013)

Tendo em vista que a escola é um espaço da reprodução das ordens sociais, ela também passa a reproduzir os papéis sociais para homens e mulheres, e é dentro dessa reprodução de papéis que encontramos as desigualdades. Essas desigualdades se reproduzem sob vários mecanismos, a começar pela distribuição dos espaços, das posições, funções e atividades dos alunos(as). Foucault (2014) já destacava que a escola possui esse poder de separar os corpos e distribuí-los em espaços de acordo com as normas sociais. Essa divisão é também uma produção disciplinar que garante a normalidade; neste sentido, define socialmente o normal do que é homem e mulher.



Embora a prática do futebol ainda seja pensada a partir de uma ordem biológica que *só os homens podem jogar porque eles têm forças*, e as mulheres não podem, porque *são sensíveis, ou podem a vir a machucar os seios ou partes íntimas*, esses discursos do senso comum passaram a ser desconstruídos a partir dos anos 1980 e 1990, quando diante das mudanças nos padrões e comportamentos sociais de várias mulheres, seguidas de transformações estruturais e do avanço do futebol feminino. A partir de 1979, ano em que foi permitida a institucionalização oficial das mulheres no futebol de campo, seguida da legalização da prática do futsal. Todavia, como destacam Morel e Salles (2006), naquele contexto era inimaginável para os homens verem que aquelas que os assistiam na arquibancada agora estavam no gramado ocupando um espaço dito masculino. Sendo o futebol e outros esportes construídos culturalmente por homens, as mulheres, ao adentrarem nestes espaços, encontram dificuldades, passam a sofrer preconceitos e estigmas ou são invisibilizadas.

No Brasil, o futebol feminino, assim como outras atividades esportivas desempenhadas por mulheres, é tratado de forma marginal ou considerado como desinteressante para os homens e para a mídia, embora as atletas sejam consideradas excelentes no desempenho das múltiplas atividades esportivas. Não é essa a representação que a grande maioria da população, principalmente os homens, têm das atletas. Somado à descrença da população, diversas atletas sofrem com o desprezo dos órgãos estatais para a manutenção e auxílio financeiro para o seguimento da carreira esportiva.

Em 2019, durante a 8ª Copa do Mundo de Futebol Feminino, ocorrida na França de 07 de junho a 07 de julho, a jogadora brasileira Marta² Vieira da Silva jogou sem patrocínios porque não houve uma proposta considerável dos patrocinadores para o que Marta representava para o futebol feminino.

² Ver: Marta jogadora de futebol brasileira. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/marta/>> Acesso em: 10 jul. 2019.

Secretário-geral da Onu nomeia jogadora Marta como defensora dos Objetivos Globais. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/secretario-geral-da-onu-nomeia-jogadora-marta-como-defensora-dos-objetivos-globais/>> Acesso em. 10 de Jul. 2019.



Assim, como destacou Silva (2019), Marta jogou com uma chuteira preta e nela um símbolo em cor rosa e azul, que representava uma campanha pela igualdade de gênero³. O Brasil saiu derrotado pela Austrália por 3 a 2, porém, a mensagem de Marta no último jogo representou um pedido pela igualdade de gênero no esporte, que patrocinadores, além da sociedade, mantivessem a confiança nas novas mulheres que praticam um dos esportes mais populares no mundo. Marta é uma das mulheres negras e pobres que viu no esporte um modo de transformação social, não só pela condição financeira, mas como um desestabilizador das ordens de gênero que impõem estereótipos e produzem a exclusão das mulheres no esporte. Hoje seu nome é reconhecido como a maior jogadora de todos os tempos e sua imagem é tida como exemplo para várias outras mulheres que se dedicam ao esporte, haja vista que sua trajetória envolve grandes conquistas, inclusive a de ser a melhor jogadora do mundo cinco vezes consecutivas, e em 2007 foi Bola de Ouro e Chuteira de Ouro. Em 2019, o secretário-geral da Organizações das Nações Unidas-ONU, António Guterres, nomeou-a como defensora dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável-ODS, tornando Marta uma das dezessete personalidades públicas influentes.

Escolinha de Futebol-Virando o Jogo no Bairro da Redinha- RN

Compreendendo a relação que o futebol feminino ocupa no Brasil, é possível apreender que mulheres são discriminadas nessa prática esportiva e sofrem com a invisibilidade social e econômica, haja vista que o futebol é um universo permeado majoritariamente por homens, e as práticas, habilidades e códigos são construídos e estruturados por meio do sistema hetero-cis-patriarcal.

Porém, mesmo com todos os processos de exclusão produzidos pelos sistemas de discriminação, foi por meio da prática do futebol que o

³ No dia 02 de Julho de 2020 a Confederação Brasileira de Futebol-CBF anunciou que vai equiparar os salários para as principais equipes de futebol feminino do país e revelou, também, a criação de uma coordenação de competições nacionais femininas Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/09/02/cbf-define-coordenacao-de-futebol-feminino-com-aline-e-duda-luizelli.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 04 set, 2020.



GAMI modificou a realidade de muitas meninas no bairro da Redinha. O time, *GAMI*, assim denominado, é composto por meninas adolescentes de orientação sexual lésbica, bissexual e heterossexual, que são acompanhadas pela técnica Vanúzia, uma das coordenadoras do GAMI. O time passou a ser uma referência no futebol feminino na cidade de Natal, ganhando destaque em torneios e campeonatos na cidade e fora dela. Além de campeonatos, o time participa de atividades que envolvem comemorações sobre o Dia da Visibilidade Lésbica, calouradas universitárias e formações políticas na universidade. O time surge com uma proposta de transformar a vida das adolescentes na periferia, dando oportunidades de lazer e abrindo possibilidades para o desenvolvimento no esporte.

Para conhecer o time de futsal e futebol do GAMI os pesquisadores tiveram que trilhar alguns caminhos, e aqui está destacado como se deu esse percurso. Na primeira visita ao grupo, conversando com Gorette sobre as diversas atividades que o grupo realizava, ela logo deixou saltar em suas palavras a importância da escolinha de futebol do GAMI, assim questionei a ela como funcionava essa escola de futebol. Gorette assim a descreveu: *“é uma ação desenvolvida pelo GAMI que tem o apoio da comunidade e de outros parceiros que busca inserir o futebol na vida das meninas que moram aqui no bairro da Redinha”*. Assim, a prática do esporte para essas meninas tem se tornado um espaço de lazer, socialização, formação pessoal e até mesmo um aperfeiçoamento para se inserir na prática esportiva de forma profissional.

Destaca-se aqui que o objetivo da escolinha de futebol para as meninas não deve ser entendido como um espaço que tem como objetivo a garantia de uma carreira profissional, visto que existem várias dificuldades para que isso aconteça, e para o grupo isto seria o resultado de uma junção de vários elementos, que incluem: bom preparo das meninas; apoio de outros órgãos; espaço físico equipado; e garantia financeira que fizesse com que elas passassem a se dedicar integralmente à prática do futebol. Elementos essenciais que, até o momento, não fazem parte da realidade do grupo.



Logo, as praticantes carregam em si trajetórias particulares que as impedem de alçar caminhos longínquos. São meninas que se dedicam ao esporte e aos treinos à noite porque trabalham durante o dia, são mães, que muitas vezes levam seus filhos para assistir as partidas e os treinos. Outras atletas trabalham como empregadas domésticas, atendentes ou são sustentadas pelos seus responsáveis.

Vanúzia, coordenadora do time, é uma veterana do esporte na cidade, que já tem um longo histórico de participação no futebol e no futsal pela cidade de Natal. Ela presta um serviço que é reconhecido pelo GAMI, uma atividade voluntária, a de treinar as meninas todas as quintas-feiras e apoiá-las nas partidas de campeonatos e torneios, uma função importante dentro do grupo, que é baseada no afeto e seriedade profissional. Os treinos do time ocorriam todas as quintas-feiras na quadra da escola municipal Noilde de Pessoa Ramalho, a partir das 19:00 horas, com a exceção dos dias em que havia eventos, feriados ou jogos. Por vezes os treinos também ocorriam na quadra próximo ao Cruzeiro da Redinha. A quadra da escola era emprestada às atletas que vinham acompanhadas de seus filhos, sobrinhos, amigas ou vizinhas curiosas.

Quando iniciava o treino as crianças eram afastadas para fora da quadra, a pedido da Vanúzia, para que não se machucassem. O treino consistia, inicialmente, em alongamento, exercícios de abdômen, e em seguida, aquecimentos. O aquecimento era uma corrida em torno da quadra, seguido de chutes em direção à goleira. Forçar as meninas a chutar era uma ideia encontrada para medir a potência de cada uma. Os treinos ocorriam em trinta a quarenta minutos, terminando às 21:00 horas. Era comum, nesse espaço, haver gritos da treinadora tentando manter a ordem entre as meninas. Como em todo espaço que envolve disputa, é comum que as pessoas fiquem nervosas e alteradas, e da mesma forma essa relação ocorria nos treinos, e principalmente nos jogos. Marcação errada, passe de bola malfeito ou paixões pessoais eram motivos perfeitos para aumentar o calor e a emoção entre as atletas, principalmente nas partidas de apostas e competições. Todavia, entre as que frequentavam os treinos e jogos, era possível ver uma relação de



reciprocidade e respeito que unia todas no mesmo objetivo. Existia uma afetividade esportiva.

Várias meninas iniciaram no time ainda quando tinham uns doze anos de idade, às vezes não recebiam apoio da família, porém, mesmo assim, insistiram para entrar no time; não é para tanto que os materiais utilizados por elas incluíam: uniformes, chuteiras, meias, bola, coletes, bomba de ar, cones, medicamentos, e tudo isso era cedido pelo GAMI. Outras já não necessitavam tanto do apoio da organização devido a melhores condições financeiras e de trabalho, assim já levavam o seu uniforme completo para a quadra.

Nem todas as jogadoras são da Redinha, algumas são de outros bairros próximos, como é o caso da Evelin Nascimento, que chegou na escolinha por meio de umas colegas e de sua prima. Até então, Evelin jogava no Virando o Jogo da baixada, mas depois entrou no time por meio de um teste. A partir daí ela começou a treinar, e conseqüentemente, a participar dos jogos e competições até o ano de 2018, quando Evelin completava seis anos de atuação no GAMI.

Nesse período de atuação na escolinha ela assinala que sentiu mudanças na sua vida por meio do projeto, descrevendo sua experiência: *“não é só porque é um projeto, mas antes de eu entrar no GAMI vivia muito na rua sabe? Eu ia muito pra rua, chegava bem tarde! Na verdade, num gostava muito de estudar, e aqui no GAMI a gente tem obrigação de ter notas altas pra poder treinar e nossa obrigação é somente o estudo e o futebol, e a gente não faz mais nada além do que isso.* Evelin, assim como todas as meninas que se dedicam à prática do futebol, driblou os sistemas de exclusão que limitam as possibilidades de encarar o esporte como uma atividade diária. Nesse caso, como não é comum na infância meninas estarem na rua, no exterior da casa, as que saem iniciam sua socialização inicialmente com os meninos. No esporte, as meninas, quando ousam jogar futebol, iniciam suas atividades junto com os rapazes. Assim destaca Evelin:

Onde eu moro é um bairro onde tem mais meninos do que meninas, então você já sabe se chegar na casa de um menino e dizer ei vamos brincar de boneca eles não vão querer. Agora se eu disser ei, vamos jogar bola, eles vão! Então o único meio de



brincar era jogar bola, então o que era que eu fazia chamava os meninos e ia pra rua brincar de bola ... e eu jogava no meio da rua até o GAMI me descobrir e hoje ser na quadra. (EVELIN, 2019)

A fala da Evelin também pode ser relacionada com o estudo de Altmann, Reis e Helena (2013), que destacam o processo de iniciação das meninas no futebol. Esse processo é marcado como um ritual, tendo em vista que exige práticas de resistência a elas fazerem parte daquele grupo. Mulheres encontram resistência por parte dos homens para jogar e desenvolver suas habilidades porque eles as consideram uma ameaça à prática esportiva. Assim, as mulheres, ao adentrarem no futebol, encontravam o embate do gênero e das construções sociais que normatizam os espaços de homens e mulheres, uma vez que jogar com os homens significava para eles tomar o seu lugar. Na verdade, não é este o significado atribuído pelas mulheres, pelo contrário, jogar com os homens tem uma produção de experiências que são validadas pelas jogadoras.

Ao entrevistar uma jogadora, Altmann, Reis e Helena (2013) revelam a experiência de atleta iniciando o futebol jogando com meninos:

Por serem considerados mais fortes, habilidosos e experientes com o futebol, jogar com meninos proporcionou a aquisição de habilidades futebolísticas diversas, ensinou-as a jogar mais rápido - habilidade importante no futsal -, bem como garantiu uma evolução mais rápida dentro do esporte. (ALTMANN; REIS; HELENA, 2013, p. 217).

A solução dos embates e conflitos passa a ser desconstruída quando homens conscientemente entendem que mulheres também estão condicionadas ao esporte.

Compreendendo a diversidade do time, é importante mencionar que nos treinos sempre aparece uma nova pessoa e em outros momentos alguém sai do time. Existe uma rotatividade de meninas no esporte, entretanto, existe uma considerável quantidade de pessoas fixas que geralmente assinam uma frequência durante os jogos e treinos. Muitas dessas meninas possuem um relacionamento afetivo entre as integrantes



do time, e algumas se conheceram nas formações políticas do GAMI ou dentro das partidas de jogos.

Foi possível analisar de que forma o GAMI interage com essas meninas por meio do futebol, a partir de observações pessoais junto ao time. O pesquisador foi convidado a participar de um jogo que aconteceria no sábado; chegou na casa onde as meninas estavam concentradas, por volta das 16:30, o jogo ia iniciar somente às 19:00, no ginásio da cidade de São Gonçalo-RN. Nesse espaço de tempo foi realizada uma formação para as jogadoras; foi escolhido um tema específico: sexualidade, direitos, preconceito, IST, futebol..., e a discussão do tema foi realizada pela coordenadora do grupo e a técnica do time. Foi gerado um debate para todas, na hora da discussão algumas ficavam retraídas e outras tinham uma maior potencialidade de expressão. Aquele momento era utilizado também para avaliação coletiva das jogadoras, elas faziam uma autoavaliação do seu comportamento em quadra e nos treinos, levando em consideração a assiduidade nas atividades, pontualidade nos treinos, nas reuniões e jogos, o desempenho em quadra e a participação nas atividades do grupo.

Nos jogos que eram realizados em estilo de campeonato ou torneio foi possível observar que havia uma pequena quantidade de pessoas. Geralmente os espectadores eram os amigos(as) das jogadoras, alguns familiares, incluindo o pai e as irmãs, ou as namoradas que iam torcer pelas suas companheiras. Antes do início do jogo as atletas se reuniam em um círculo junto com a técnica, juntavam-se também algumas meninas que acompanhavam o time, namoradas, colegas e integrantes do grupo. Naquele momento eram repassadas algumas informações técnicas, além de dicas de como avançar em quadra e informativos do grupo.

Embora algumas meninas do esporte estejam ligadas a religiões de matriz-africana, é comum, ao início de todos os jogos, todas fazerem uma oração cristã. Em um tom bem alto e forte elas rezavam o “pai nosso”, oração cristã e ecoavam gritos de guerra. O pesquisador confessa que na primeira vez que as presenciou naquele momento teve uma sensação eufórica vinda de seu interior a qual ele não consegue descrever, era a



primeira vez que ouvia mulheres gritando forte, eram vozes fortes que não encontravam brechas e assim preenchiam o ginásio com uma potência feminina. Este fato foi primordial para que ele quisesse torcer todas as vezes pelo time, assim, começou a participar de todos os jogos. O pesquisador se recorda de uma vez que uma das coordenadoras pediu que segurasse um terço e um pano com a imagem de “Nossa Senhora”, santa da igreja católica, a princípio não entendeu a entrega dos objetos em suas mãos, porém, depois ela pediu que a ajudasse a rezar pela vitória das meninas. Não sabe se foi pela reza, mas as meninas saíram vitoriosas.

Em várias partidas havia episódios diferentes, era comum elas vencerem, porém, além da vitória, era comum também as práticas de machismo. Alguns homens que muitas vezes ocupavam a arquibancada dos ginásios sempre sentiam a necessidade de tecer algum comentário sobre as jogadoras, salvo às vezes que também ouvi comentários com as acompanhantes do time. Eram discursos que ligavam à atuação das meninas em quadra: *“aquela não sabe tocar”*, *“a outra não sabe chutar”* ou *“o time não tem garra”*. Isso só demonstrava que suas palavras revelavam um incômodo ao ver mulheres em um espaço socialmente construído para os homens. Quando questionei Evelin se ela via algum preconceito em relação a jogar bola, ela destacou:

Não é só por eu jogar bola, mas pelo fato de eu ser mulher já existe um preconceito bem legal entre os meninos. Às vezes, eu tô na quadra aqui, aqui não, fora, porque aqui o espaço é nosso! mas quando eu tô numa quadra pública onde predomina os meninos, tem muito mais menino do que menina, quando a gente chega lá, uma ou duas meninas pra jogar eles ficam reclamando porque lugar de mulher pra eles não é dentro de uma quadra, é numa cozinha, dentro de casa, é fazendo as coisas. (EVELIN, 2019).

Embora os times femininos, como o próprio nome diz, sejam constituídos por mulheres, o que chamava atenção ao longo de umas partidas era a quantidade de treinadores, em que mulheres eram treinadas por homens. Os times de mulheres que eram comandados por um homem apresentavam diferenças em relação aos outros que eram comandados por mulheres. Logo, as jogadoras eram gritadas por seus treinadores, eram insultadas, levavam gritos e até palavrões. As



treinadoras aplicavam uma atenção diferenciada, levavam remédios para as jogadoras que se machucavam, água para suprir a hidratação das atletas, tentavam amenizar as situações de conflitos geradas na quadra.

Porém, a partir dessa descrição, não se pretende reforçar estereótipos ou características naturalizadas do homem agressivo e da mulher cuidadora, mas pensar essa relação entre as mulheres como um processo de sororidade desempenhado entre si, que resulta em um cuidado e acolhimento para o fortalecimento do empoderamento de outras mulheres, fenômeno também encontrado por Pisani (2014) em suas pesquisas sobre futebol feminino menciona o futebol como um processo em empoderamento entre as mulheres, formando uma cooperação, relação afetivas que vão além da disputa no campo.

O último jogo das meninas do GAMI acompanhado pelo pesquisador foi o Torneio pela Diversidade, um evento que estava na agenda das atividades do dia da Parada Gay de Natal-2018. O torneio aconteceu no dia 30 de setembro, na Praia do Meio, e nesse dia houve uma quantidade expressiva de pessoas para jogar e participar da atividade. Segundo o registro do GAMI, participavam cerca de 300 mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais, e 10 times de diferentes partes da cidade.

Na observação foi possível constatar que existia uma pequena quantidade de homens; desses, alguns eram gays que já participavam de algum movimento e outros eram heterossexuais que se retiraram da quadra e do local do evento após a chegada das meninas. Neste dia aglomeraram-se lésbicas de diferentes gerações, estilos e performances. O encerramento da atividade teve um show de Jéssica Oliver, uma cantora lésbica que sempre é convidada pelo GAMI para contribuir nas atividades.

Como destacou Soares (2016) em seu trabalho quando estudou o GAMI, o futebol nasceu dentro do grupo para promover uma transformação na vida das jovens. Até então, muitas das meninas que participavam da escolinha e do time ocupavam seu tempo no envolvimento com drogas. Atualmente, além de jogar futebol, as meninas também participam das atividades que envolvem formações políticas, seminários e de todas as atividades de lazer do grupo. Essa dinâmica



também é observada na pesquisa de Pisani (2018) em sua pesquisa sobre o futebol feminino em espaços periféricos da cidade de São Paulo.

O esporte acaba gerando uma via de mão dupla que se acentua na dimensão de socialização, lazer, prática esportiva e, ao mesmo tempo, vivência política, isto tudo possibilita a construção de um empoderamento. E entende-se aqui a noção de empoderamento a partir das noções trabalhadas por Sardenberg (2019) e Berth (2018), que definem o conceito a partir de um significado construído sob os fundamentos do feminismo, que propõem o empoderamento como uma reconstrução das bases sociais históricas que produziram e regulam as desigualdades ao longo da história causando opressão, discriminação e exclusão de todas as mulheres.

Para além do conceito, considera-se que a prática esportiva no GAMI tem como ideia possibilitar a construção do empoderamento, haja vista que há uma desestabilização das ordens de gênero. Quando se pratica o futebol é gerada uma autonomia política dentro do espaço da periferia.

Considerações Finais

O GAMI por meio do futebol, produz uma visibilidade lésbica. Todavia, o futebol se sustenta no respeito à diversidade de mulheres, assim, mulheres bissexuais e heterossexuais também passam a ser inseridas dentro do esporte.

O futebol dentro da instituição tem criado formas de sociabilidade, de modo que a atividade física também é um encontro entre diferentes grupos de mulheres. Não obstante, o futebol dentro do GAMI é um meio alternativo para as mulheres desempenharem um esporte do qual são excluídas socialmente. Dessa forma, por meio do futebol, elas modificam a percepção social que ainda compreende o futebol apenas para o público masculino. Destarte, essas atletas, meninas jogadoras, modificam na prática a lógica da heterossexualidade que dita os espaços de homens e mulheres.



A importância do futebol para as mulheres dentro de um espaço periférico é que a atividade esportiva produz transformação para a vida de mulheres, tendo em vista que a escola de futebol do GAMI surgiu da necessidade de resgatar as meninas adolescentes de vícios e da exploração sexual. E foi dessa forma que o esporte para o GAMI passou a dar uma grande contribuição para o empoderamento de adolescentes e mulheres racializadas.

Referências

- ALTMANN, Helena; REIS, Baldy dos; HELENA, Heloisa. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas movimento. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 211-232, jul. 2013.
- BELOTTI, Elena Gianini. *Educar para a submissão*. 6 Ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento*. Belo Horizonte: Letramento, 2018
- Bourdieu, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da intimidade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade e o saber*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.
- GHISLENI, Taís Steffenello; ROSA, Juliana Rodrigues. A transformação de um jogador de futebol pela mídia. *Caderno de Educação Física*, Paraná, v. 7, n. 13, p. 19-32, fev. 2008.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. MULHERES E FUTEBOL NO BRASIL: São Paulo: *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp*, v. 19, n. 2, abril, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>. Acesso em: 05 jun. 2020.



MOREL, M; SALLES, J. G. C. Futebol feminino. Atlas do esporte no Brasil. In: *CONFED: Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFED, p. 8264-8265. 2006.

MOURA, Elaine de Fátima Alves. *Organização política de lésbicas da cidade de Natal*. Natal: Top-Gráfica, 2008.

ORTNER, Sherry Beth.. PODER E PROJETOS: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar et al. *CONFERÊNCIAS E DIÁLOGOS: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2017. Cap. 1. p. 45-80.

PEIRANO, Marisa. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. *Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, São Paulo, v. 1, n. 14, 2014.

PISANI, Mariane da Silva. 'Sou feita de chuva, sol e barro': o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. 251 f. (Tese de Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SARDENBERG, Cecília M.B. *Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista*. Disponível em < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848> > Acesso em: 22. mar. de 2019.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SELEM, Marica Célia Orlato. *A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica*. 2007. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, Ana Carolina. *Marta opta por jogar sem patrocínio e carregar recado na chuteira*. Uol, jul. 2019. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2019/06/14/por-opcao-marta-joga-sem-patrocinio-esportivo-e-carrega-recado-em-chuteira.htm>>. Acesso em: 10. Jul. 2019.



SILVA, Zuleide Paiva da. “*Sapatão não é bagunça*”: Estudo das organizações lésbica da Bahia. 2016. 383 f. Tese de Doutorado (Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVEIRA, Raquel da. *Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SOARES, Gilberta Santos. *Sapatos tem sexo? Metáforas de gênero em lésbicas de baixa renda, negras, no nordeste do Brasil*. 278 f. Tese (Doutorado Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos), Núcleo de Estudos da Mulher, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e Raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. *Cadernos Pagu*, v.6, n.7, p.109-152, 1996.

Football Depends On You: A Study About The Women's Football School Of The GAMI Group From Natal - Rio Grande Do Norte

ABSTRACT: The aim of this text is to analyse women's football in the city of Natal-RN, by approaching it as a sportive and socializing activity among the lesbian, bisexual, and heteresexual women from the periphery of the neighborhood of Redinha. For doing so, we investigate the Affirmative Group of Independent Women (henceforth GAMI Group). Thus, by proceeding as an ethnographic study, we intend to identify the types of socialization developed by the women from the group. We also propose to call attention to football, characterized as a sport and a political attitude, by addressing it as something which produces disparities and gender inequality as well as something which reflects the women's practices of agency which concern the making of freedom. Within the GAMI group, the sportive activity is also a political action for engagement and transformation, due to its contribution to the construction of empowerment of the lesbian, bisexual, and hetesexual women who are racialized.

KEYWORDS: WOMEN. LESBIANS. FOOTBALL. AFFIRMATIVE GROUP OF INDEPENDENT WOMEN.

JOSÉ ADAILTON SOUSA DOS SANTOS

Faculdade Ibiapaba

Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Vale do do Acaraú, Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFRN. Atualmente é professor na Faculdade Ibiapaba-FACIBI

E-mail: adailtonubj@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5157-0316>

LORE FORTES

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (1971), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1981), doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (2000) e Pós-Doutorado no CSIC-Espanha. Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: lorefortes4@gmail.com

Recebido em: 15/09/2020

Aprovado em: 11/04/2022